

# Manguetown: identidade, cultura e geografia no jornalismo cultural impresso

## Manguetown: identity, culture and geography in the cultural printed journalism

Angela Prysthon

Professora e Doutora do Departamento de Comunicação da UFPE

E-mail: prysthon@uol.com.br

André Telles do Rosário, jornalista e pesquisador

### Resumo

Mediante o entrecruzamento de matérias dos jornais Folha de S. Paulo (de São Paulo) e Jornal do Comércio (do Recife) sobre o movimento Mangue (o Manguebit) no ano de 1996, o objetivo deste paper é indicar alguns modos de disseminação das noções de identidades (nacionais, regionais), as formas de negociação entre distintas representações culturais, e as tendências de articulação do global e do local nos mesmos espaços geográficos.

Palavras-chave: identidades; jornalismo cultural; Manguebit, representações culturais.

O processo de criação e propagação das identidades regionais no jornalismo cultural diário, embora difuso e multissônico, deixa transparecer como vão sendo construídas algumas narrativas da nação, como vai sendo demarcado um mapa imaginário do consumo de bens simbólicos no Brasil. São interpretações identitárias, são leituras, que, por sua vez, adaptam ou reforçam determinados aspectos do que noticiam ou analisam – no caso deste estudo, o movimento Mangue, na Folha de S. Paulo e no Jornal do Comércio. Com este específico ponto de partida, é possível analisar as referências e os estereótipos relacionados a Pernambuco, ao Nordeste, ao Recife, ao Brasil e aos centros hegemônicos (EUA, Europa, Japão) – em confronto com as referências transnacionais (como cultura pop, hip-hop, world music, etnia, classe) manifestas no movimento. Principalmente havendo a inferência da produção de sentido identitário no Centro (Folha de S. Paulo) e na Periferia (Jornal do Comércio).

Estudando jornais paulistas e pernambucanos, matizando as diferenças entre os dois discursos, é possível ver alguns indícios de como se conformam as relações centro-periferia no nosso país, mediante jogos de identidade e estereótipos. Por meio das novas representações, pode-se observar e perceber como é constituída e processada uma nova relação de forças nos cenários

culturais do país.

Antes de começarmos a análise, contudo, é preciso explicar no que consiste o movimento Mangue, ou Manguebit, objeto das matérias de jornal observadas neste artigo. O Manguebit é uma cena musical que se originou no início da década de 1990, na cidade do Recife. As bandas envolvidas procuraram estabelecer diálogos intensos entre tradição e modernidade, entre centro e periferia, entre nacional e internacional, tanto nos aspectos estritamente musicais como nos aspectos discursivos, visuais e comportamentais. Emergindo da “periferia da periferia”, da lama, o Manguebit (como foi chamado pelos grupos que o constituíam), ou mangue beat (como ficou conhecido por meio da mídia nacional), vai transformar a cidade do Recife. A crítica de música pop Bia Abramo vê assim o movimento:

O mangue beat, Chico Science e Nação Zumbi e mundo livre s/a são a tentativa mais honesta e bem-sucedida de procurar uma dicção cosmopolita na música brasileira (o sinal inverteu, mas os valores são os mesmos). Ou por outra, introduziram o frescor de sonoridades até então restritas geograficamente num formato viciado e cheio de armadilhas como o pop. Sem folclorizar, como faz Fernanda Abreu. Sem condescendência paternalista, como fazem os Paralamas. Sem a diluição do Skank. Sem a afetação de Arnaldo Antunes. Não é à toa que



Gilberto Gil se encantou com Chico, nem tampouco que a crítica tenha usado palavras como neotropicalistas para descrever o mangue beat (ABRAMO, 1997).

Em 1991, foi elaborado um manifesto que teve repercussão nacional e no qual estão os pontos norteadores de uma nova representação da cultura recifense – e brasileira:

Em meados de 91 começou a ser gerado/articulado em vários pontos da cidade um organismo/núcleo de pesquisa e criação de idéias pop. O objetivo é engendrar um 'circuito energético' capaz de conectar alegoricamente as boas vibrações do mangue com a rede mundial de circulação de conceitos pop. Imagem-símbolo: uma antena parabólica enfiada na lama.

A partir daí, duas bandas, Chico Science & Nação Zumbi e mundo livre s/a, se destacam na cena que, no meio jornalístico, começou a ser apontada como "o que de mais original surgiu na música brasileira na década de 1990". Cinco anos depois do manifesto, em 1996, pela visibilidade alcançada, o Manguebit já se configura como um valiosíssimo instrumento de análise para as relações centro e periferia na cultura brasileira. Com o movimento (e de sua presença na mídia impressa nacional), identifica-se e compara-se o discurso geográfico no centro e na periferia do Brasil, que é reinterpretado e apropriado de maneira característica pelas mídias de alcance nacional e local.

O ano de 1996 talvez tenha sido o do auge do movimento Mangue. Chico Science era vivo, a banda tocava no Hollywood Rock, no Pacaembu. Os segundos CDs da Chico Science & Nação Zumbi (CSNZ) e do mundo livre s/a eram lançados e recebidos com entusiasmo pela crítica. A banda Mestre Ambrósio começava a fazer algum sucesso no eixo Rio-São Paulo, como também o Alto José do Pinho e suas bandas de punk e rap. O festival Abril Pro Rock, então em sua 4ª edição, despertava interesse crescente da mídia musical brasileira. Além disso, houve também excursões para os EUA e Europa – fatos que mantiveram o movimento como notícia o ano todo,

tanto em Recife quanto em SP.

Com esses elementos (que são noticiosos e, ao mesmo tempo, signos de transformações culturais mais profundas), a imprensa atualizou seu discurso nacional, regional e local. Dessa forma, por estarem tão conectados com o Mundo e com o local, pela releitura da cultura brasileira que o movimento proporcionou e pelas viagens, muitas referências geográficas são aderidas ao Manguebit pela imprensa paulista e pela pernambucana.

Como o que nos interessa é perceber as relações centro-periferia, o método aqui adotado para esmiuçar os textos dos jornais foi o de buscar, no material coletado, confrontações entre os locais citados nas matérias. Dessa forma, selecionamos estereótipos e imagens que representam os topônimos, primeiro na Folha de S.Paulo, e depois no Jornal do Commercio. E, a partir da relação entre as representações desses lugares, observamos o reiterado reforço, subliminarmente justificativo, das relações econômicas entre esses mesmos lugares. A seguir, apresentaremos e comentaremos alguns excertos das matérias sobre o Movimento Mangue, primeiro na Folha de S. Paulo, depois no Jornal do Commercio, com o intuito de comparar as imagens do Recife e da cultura recifense implicadas em ambos os jornais.

Folha de S.Paulo

Excertos:

1.1. "O conceito continua o mesmo: fusão de ritmos populares do Nordeste ao universalismo do pop e do rock, fusão antropofágica da miséria do mangue à sofisticação tecnológica das antenas parabólicas" (Chico Science busca maracatu psicodélico, lançamento do CD, 22/5/96).

1.2. "A surpresa vem com Enquanto o Mundo Explode, porrada pura. O som de percussão é ensurdecador. No meio da pancadaria, Chico berra como um louco: Que som é esse

que vem de Pernambuco?” (Chico Science prepara show pra chacoalhar, ensaio aberto para imprensa, 17/01/96).

1.3. “Chico Science abriu a noite, às 19h25, com um atraso de 25 minutos. Foi um dos melhores show (sic). No mínimo, o mais pesado. Ele não cantou reggae. Fez coisa melhor: mostrou como o Brasil pode ser um país influente no futuro do rock, combinando guitarras de metal com uma percussão superior à fama de Carlinhos Brown” (Brasileiros roubam show, 21/01/96 – Hollywood Rock).

Nos excertos selecionados da *Ilustrada* (Folha de S. Paulo), é evidente o foco numa idéia de brasilidade “universal”, como se isso resultasse na absorção do outro lugar, como se houvesse a possibilidade de uma síntese identitária brasileira. As matérias da *Ilustrada* procuram desenvolver o argumento de que o movimento Mangue e suas manifestações evocariam certos aspectos do discurso catalisador da Antropofagia. A intenção é demonstrar a conectividade entre várias “versões” do Brasil, a absorção, a deglutição de idéias – que seria geral à cultura brasileira e da qual o Manguebit seria apenas mais um sintoma. Nesse contexto de centralidade paulista (meia centralidade, pode-se dizer, já que divide com o Rio a concentração de renda e produção), interessa exaltar a cultura nordestina – até um certo ponto, contudo –, pois é ela que funda o mito original (da cultura oficial) do Brasil –, a expansão ultramarina portuguesa. E Recife é sua “capital”, pela centralidade que possui tanto do ponto de vista geográfico quanto do cultural.

2.1. Recife recebe o pop agreste do Brasil  
“Festival Abril Pro Rock, que vai de hoje a domingo, mostra o som de bandas como Chico Science e Mundo Livre” (Recife recebe o pop agreste do Brasil, 25/04/96

– Abril Pro Rock).

2.2. Noite será só dos alternativos  
“Depois é a vez do mangue beat, movimento (como todos já rotularam aqui) que nasceu no começo da década de 90 quando alguns grupos nordestinos começaram a misturar ritmos folclóricos da região com rock e pop” (Noite será só dos alternativos, 27/04/96 – APR).

2.3. Recife vira ‘Seattle miserável’  
“Liderado pelo grupo Devotos do Ódio, punk-rock hardcore renasce nas encostas do Alto José do Pinho, periferia da cidade.

Os punks não morrem, apenas mudam de endereço e de sotaque. Eles trocaram os porões pelos morros e ressurgem nas encostas do Alto José do Pinho, morro da miserável periferia de Recife.

O mais legítimo representante do punk que renasce no Nordeste é o grupo ‘Devotos do Ódio’, tradução musical contemporânea de ‘Deus e o Diabo na Terra do Sol’, o filme de Glauber Rocha.

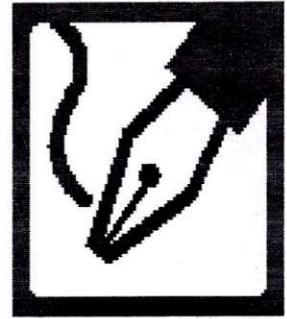
O nome da banda vem do título homônimo do livro de José Louzeiro, a saga neo-realista sobre camponeses do Nordeste. Louzeiro é o mesmo que cedeu o argumento para o filme ‘Pixote’.

O grupo ‘Faces do Subúrbio’, com o seu rap-embolada dançante, é outro representante do morro que já finca os seus tentáculos fora da periferia de Recife.

Em julho, tocou em São Paulo, sob a guarda e apresentação do ‘Câmbio Negro’, um dos mais consistentes do hip-hop nacional.

E o Alto José do Pinho tem também o anarquismo porno-existencialista do grupo “Matalanamão”, criada em 1993 para tocar funk-metal e variações do gênero” (Recife vira ‘Seattle miserável’, 25/07/96 – Alto José do Pinho).

2.4. Movimento é ‘vingança’ contra Ariano



“A cena musical do Alto José do Pinho é considerada uma espécie de praga ou vingança, na visão bem-humorada dos recifenses, contra o escritor e teatrólogo Ariano Suassuna.

Secretário de Cultura de Pernambuco, Suassuna detesta qualquer som que envolva uma guitarra elétrica. Imaginem o renascimento do punk-rock no seu próprio terreiro.

Por ironia, muitos filhos de mestres de maracatu seguem hoje as pegadas do velho rock'n'roll.

Para quem já condenava o ‘Mangue Beat’, os punks do Alto José do Pinho estão ainda mais longe da política de Suassuna” (Movimento é ‘vingança’ contra Ariano, 25/07/96 – Alto José do Pinho).

Essa seria uma segunda maneira de se referir à identidade (recifense, em particular, e nordestina, em geral): Seattle Miserável. A miséria, quase que uma referência óbvia na mídia nacional, sugere o reforço do estereótipo, mesmo quando associada à energia criativa do grunge de Seattle. Tal adjetivo seria inimaginável na imprensa pernambucana. Há também referências que remontam a outras maneiras clichês de se ver a cultura nordestina. Por exemplo, a referência ao Pop Agreste (região do interior do Estado que não teve nenhuma representação no evento), ou a “vingança” contra Ariano e o Movimento Armorial. Os ícones do modernismo regionalista, os estereótipos mais famosos dessa cultura são mesclados, justapostos, jogados contra novas imagens. O que, de certo modo, concorre para que novas representações venham à tona, mais urbanas e nem por isso menos nordestinas.

3.1. Mistura virou lugar-comum  
“Há quatro anos o Abril Pro Rock (festival anual que reúne bandas alternativas em Recife) revelou Chico Science & Nação Zumbi e o Mundo Livre S/A.

Para o cenário pop da época, que vivia a ressaca criativa das bandas

dos anos 80, o tal do mangue beat era a grande novidade. Misturava a música regional, frevo, maracatu e baião com o pop” (Mistura virou lugar comum, 06/05/96 – APR – Folhateen).

3.2. Nova geração do mangue se renova com punk, noise e rap

“Festival reúne novas bandas de Pernambuco e outros Estados.

Depois de quatro edições, o Abril Pro Rock confirma-se como o maior festival de rock de bandas brasileiras. Existe um projeto para levá-lo a várias cidades do Brasil já no ano que vem” (Nova geração do mangue se renova com punk, noise e rap, 30/04/96 – APR – Ilustrada).

3.3. “Guentando a Ôia” para dançar

“Falta inventividade ao mundo livre.

O mundo livre s/a (maldita mania dessas bandas que grafam seu nome com minúsculas) lança seu segundo disco e cai no malogro.

Sem a responsabilidade de mostrar para o resto do Brasil o que era o mangue-beat do Recife, o grupo, liderado por Fred 04, fez um CD mais rock e menos inventivo” (“Guentando a Ôia” para dançar, 20/05/96 – CD MLSA – Folhateen).

Curioso esse contraste do caderno dedicado aos adolescentes com o caderno de cultura. Pode ser lido como um sinal da pluralidade do jornal, ou como uma maneira de pulverizar a crítica dentro das várias seções. É interessante observar que o caderno, voltado para os adolescentes, é muito mais crítico que a Ilustrada, caderno que deveria ser mais crítico.

Jornal do Commercio

4.1 Crítico de Nova Iorque elogia Science

John Parelles, do New York

Times, incluiu o disco entre os melhores de 95.

“Do Rio, o empresário Paulo André liga, eufórico, e manda notícias do Chico Science & Nação Zumbi. A primeira, o respeitado crítico do New York Times, John Parelles, na edição do dia 6 deste mês, incluiu entre os 10 melhores lançamentos do ano o cd *Da lama ao caos*, do grupo pernambucano. Em tempo, ao contrário de outros artistas tupiniquins elogiados por lá, mas sempre metidos no gueto da *tal world music*, de quem nem Caetano Veloso escapou, Chico e os zumbis figuram entre os dez mais do New York Times ao lado de anglo-saxões feito PJ Harvey e Foo Fighters. A segunda, CSNZ terá uma das músicas do disco que estão gravando incluída no próximo projeto da série *Red+Hot*, cuja renda é revertida para o combate à Aids, com direito a remixagem de Goldie, DJ criador da *jungle*, uma das mais badaladas vertentes atuais da música européia feita pra dançar. Chico e os Zumbis estarão no *Red+Hot+Rio* ao lado de David Byrne, Marisa Monte, Björk, Everything But the Girl, Seal, Milton Nascimento, Cassandra Wilson, Gilberto Gil, Sting e Tom Jobim, em sua última gravação, entre outras feras” (Coluna Toques, 17/01/96).

O que mais chama a atenção no excerto escolhido do *Jornal do Commercio* é a necessidade do discurso de autoridade de John Parelles para justificar e legitimar o movimento *Mangue*. O discurso não é mais o da identidade nacional, mas a valorização do local dentro do global. Gayatri Spivak faz algumas distinções entre a colonização “interna” e a colonização de outros espaços. Ela fala sobre a necessidade de alguns sistemas de representação que assegurem nossa própria cultura, nossas próprias explicações culturais. Ela usa a cultura norte-americana como exemplo, e na qual o “*We the people*” da Constituição seria a base do sistema de representação

americano, mas onde esse desejo por uma idéia abstrata do coletivo, por uma unidade do coletivo, tem sido recodificado “*by the fabrication of ethnic enclaves, affectively bonded subcultures, simulacra for survival that, claiming to preserve the ethnos of origin, move further and further away from the vicissitudes and transformations of the nation and group of origin*”<sup>1</sup> (SPIVAK, 1999: 172).

Observando as devidas proporções, há, provavelmente, uma série de relações possíveis entre essa reflexão de Spivak e a nota do colunista Teles, no JC. A nota aponta justamente para o “*desire for the abstract collective*” pernambucano. O discurso implicado almeja a unidade, baseado na idéia de um orgulho local, por meio de uma afirmação identitária única. Ao mesmo tempo em que é valorizada a diferença local, essa diferença é colocada no contexto da globalidade.

Pernambuco falando para o Mundo. Ufanismo. Importante para manter o Estado unido, também (haja vista a longa história de mutilações do Estado). Preocupações com a unidade estadual (Noronha inclusive). Atitude O-Brasil-também-somos-nós e/ou Em-Nova-Iorque-eles-são-pernambucanos-e-dão-uma-banana-para-o-Sul-Maravilha. Quanto mais periférico um discurso, maior sua auto-referência. Essa euforia cobre os buracos de um cobertor curto.

Algumas idéias sobre identidade, nação e cultura

MPB, Pop, Rock, Hip-Hop, Alternativo, Maracatu, Samba? Todos esses adjetivos foram usados para referir-se ao *Mangue*. Produtos híbridos são simultaneamente mais difíceis e mais fáceis de se enquadrar em rótulos e segmentos. Têm uma existência fragmentária, e causam certo tumulto justamente porque esticam, entortam, quebram classificações dentro da “*Cultura*”. E, ao mesmo tempo, cabem em todos os lugares.

Ideologias geográficas são montadas mediante o consumo de símbolos das Culturas de uma nação, de uma região, de uma cidade, etc. Representações e narrativas com que travamos contato, no

<sup>1</sup> Pela fabricação de enclaves étnicos, subculturas reunidas afetivamente, simulacros de sobrevivência que, proclamando preservar o etnos de origem, vão cada vez mais longe das vicissitudes e transformações da nação e do grupo de origem.

consumo cotidiano de bens simbólicos, por meio da repetição, do reiterado enfoque, do reforço positivo ou negativo a certos estereótipos. Negociando, aprendendo, aceitando, recusando. Esse processo faz parte, principalmente na cultura jovem, da construção da personalidade e do caráter de cada indivíduo. As decisões relativas a que grupo seguir, com quem se afiliar, qual modelo de comportamento adotar perante assuntos específicos – essas decisões também passam pelo campo de jogo das identidades.

Como escolher fazer Capoeira, ou Maracatu, ou Break, ou Samba, ou Funk. Em todas essas opções, o verniz verde-amarelo, mais ou menos forte – como um vírus a referir-se a si mesmo ad infinitum.

Entender como está sendo representada a cidade na esfera midiática (da própria cidade e dos centros econômicos do estado nacional a que pertence) é também descobrir estratégias e mecanismos de comunicação dos grupos sociais em busca de poder e hegemonia – alguns que já têm poder e hegemonia, e outros ainda à margem.

Nessa perspectiva, analisar a construção das identidades brasileiras (locais, regionais e nacionais) é revelar o tecido de discursos que justificam a divisão da riqueza dentro do território. Mediante o discurso que justifica a união desse mesmo território. Estereótipos geográficos que demonstram e reforçam relações econômicas.

Assim, a nacionalidade permanece, não mais unívoca, mas adaptada e reforçada, por meio dos novos espaços que absorve. Permanece como mensagem, plural e difusa, a se referir interminavelmente. Apesar de toda a diversidade, apesar de essa noção de pertencimento ser uma construção historicamente recente, o sentimento de comunidade hermenêutica comum é bastante forte no imaginário popular. O que vem ocorrendo, nas últimas décadas, é uma ampliação das imagens-símbolo desse pertencimento – com uma tendência à valorização e inserção do local (a cultura das cidades e das regiões) no

nacional e no global.

As negociações culturais levadas a cabo pelo Manguêbit, e refletidas tanto pelo jornalismo cultural de alcance nacional como por aquele de influência apenas local, partem de uma consciência cosmopolita. Os modelos exógenos ainda são elementos de legitimação para a cultura local, mas a maior ambigüidade e complexidade com que são representados esses fenômenos culturais na mídia demonstram novas formas de se conceber as identidades nas metrópoles periféricas.

#### Abstract

By researching the articles in the newspapers Folha de S. Paulo (from São Paulo) and the Jornal do Commercio (from Recife) about the Manguê movement (the Manguêbit) in 1996, this paper intend to point some ways of expressing identity notions (national, regional), the negotiation forms between different cultural representations, and the global and local articulation tendencies in the same geographical spaces.

Key words: identity; cultural journalism, cultural representation.

#### Referência

- ABRAMO, Bia. "Os sustos do manguê", Verbum. (<http://www.latITUDE.uol.com.br>)
- CANCLINI, Néstor García. Consumidores e cidadãos. Conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.
- \_\_\_\_\_. Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1997.
- COELHO, Teixeira. Dicionário Crítico de Política Cultural. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- DIÓGENES, Gloria. Cartografias da cultura e da violência - gangues, galerias e o movimento hip-hop. São Paulo: Annablume, 1998.
- FRED O4 & L., Renato. 1º Manifesto do Movimento Manguê Bit. Recife, mimeo, 1991.
- HALL, Stuart. Identidades culturais na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP & A, 1997.
- HERSCHMANN, Micael. O Funk e o Hip-Hop invadem a cena. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2000.
- ROSE, Trícia. "Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade pós-industrial no Hip-Hop". In: HERSCHMANN, Micael (org.). Abalando os anos 90 – funk e hip-hop. Globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- SANSONE, Lívio. "Funk baiano: uma versão local de um fenômeno global?". In: HERSCHMANN, Micael (org.). Abalando os anos 90 – funk e hip-hop. Globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- SPINAK, Gayatri Chakravorty. A Critique of Postcolonial Reason. London/Cambridge: Harvard University Press, 1999.
- TELES, José. Do Frevo ao Manguêbeat. São Paulo: Editora 34, 2000.